

Erva Cidreira:

**Textos sobre produção do conhecimento,
produção de material didático e outros ensaios**

Organização:

Maurício Castanheira

João André Fernandes da Silva

Taís Silva Pereira

Copyright© 2016 Maurício Castanheira (Organizador)

Título Original: Erva Cidreira – Textos sobre produção do conhecimento, produção de material didático e outros ensaios

Editor: André Figueiredo

Editoração Eletrônica: Luciana Lima de Albuquerque

Comissão de revisão técnica:

Alline Soares Viana

Gabriel Neves

Maria de Lourdes Bastos

Rafael Alvarenga

COLEÇÃO “CHÁS PARA A FILOSOFIA”

COORDENADOR DA COLEÇÃO: MAURÍCIO CASTANHEIRA

ORGANIZADORES DO VOLUME ERVA CIDREIRA:

MAURÍCIO CASTANHEIRA,

JOÃO ANDRÉ FERNANDES DA SILVA E

TAÍS SILVA PEREIRA

Ficha

PUBLIT SOLUÇÕES EDITORIAIS

Rua Miguel Lemos, 41 salas 711 e 712

Copacabana - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22.071-000

Telefone: (21) 2525-3936

E-mail: editor@publit.com.br

Endereço Eletrônico: www.publit.com.br

CONSELHO EDITORIAL DA COLEÇÃO “CHÁS PARA A FILOSOFIA”:

Antonio José Caulliraux Pithon (CEFET-RJ)
Antonio Martinez Fandiño (UFRRJ)
Edgar Lyra (PUC-Rio e CEFET-RJ)
Eduardo Gatto (CEFET-RJ)
Lélio Moura Lourenço (UFJF)
Maurício Castanheira (CEFET-RJ)
Míriam Carmen Maciel da Nóbrega Pacheco (CEFET-RJ)
Mírian Paura Sabrosa Zippin Grinspun (UERJ)
Patrícia Maneschy (UERJ)
Rafael Mello Barbosa (CEFET-RJ)
Renato Noguera (UFRRJ e CEFET-RJ)
Roberto C. Zarco (CEFET-RJ)
Úrsula Maruyama (CEFET-RJ)

Sumário

APRESENTAÇÃO9

PREFÁCIO DOS ORGANIZADORES DO VOLUME 11

Maurício Castanheira, João André e Taís Pereira

Produção do conhecimento – Textos dos Estudantes

A CRÍTICA NIETZSCHIANA À MORAL EXPLANADA PELO
ESTETOSCÓPIO DE *O ALIENISTA*, DE MACHADO DE ASSIS37

Rafael Alvarenga

O HOMEM COMO ANIMAL SIMBÓLICO: O CÁLCULO NA
COMPLEXIDADE DAS DECISÕES HUMANAS53

Wagner de Moraes Pinheiro

O CONCEITO DE DIALÉTICA COMO PROBLEMA FILOSÓFICO-
POLÍTICO NA TRADIÇÃO MARXISTA CONTEMPORÂNEA.....66

Humberto do Valle Amorim

POR UMA EDUCAÇÃO LIVRE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA
APLICAÇÃO DO CONCEITO DE EDUCAÇÃO LIVRE COM TROCAS
VOLUNTÁRIAS EM UMA TURMA DE EDIFICAÇÕES NO CEFET DE
ACORDO COM A FILOSOFIA DE MURRAY N. ROTHBARD85

Steve Sóstenes Silva Costa Moreira

O ENSINO DA FILOSOFIA: CAMINHOS DO PENSAMENTO POR UMA
PERSPECTIVA ESTÉTICA.....94

Celso Eduardo Santos Ramos

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR
TECNOLÓGICA NO BRASIL: COMO CONHECER O PASSADO,
IDENTIFICAR O PRESENTE E VISAR O FUTURO DO CEFET/RJ PELOS
DADOS DO INEP101

Mario Célio Barbosa Brandão Souza de Faria

Igor Mauro de Andrade Dias

Maurício Castanheira

O SAMBA COMO MECANISMO DE RESISTÊNCIA AO RACISMO
INSTITUÍDO E A AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA DO NEGRO110
Roberto dos Santos Beites

LIBRI NATURALES, DE ARISTÓTELES: DA RADICAL PROIBIÇÃO A
PRESCRIÇÃO NO OCIDENTE MEDIEVAL 124
Elza Aparecida Feliciano

Produção de material didático – Textos dos Estudantes

AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO DE
CINCO APLICATIVOS GRATUITOS DE ENSINO À DISTÂNCIA –
CURSO DE LÍNGUA INGLESA.....133
Alline Viana

UM OLHAR FILOSÓFICO SOBRE A PRODUÇÃO DE MATERIAIS
DIDÁTICOS PARA EJA.....150
Angélica Lino Pacheco Paiva

UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS NOS PROCESSOS DE ENSINO E
APRENDIZADO ONLINE.....163
Erivelton Rangel Izaias

A EXPERIÊNCIA DE ENSINAR E APRENDER (*SENDO*) NO SER.....168
Luiz Claudio Esperança Paes

ENSINO DE FILOSOFIA E WHATSAPP: ALGUNS ASPECTOS
FILOSÓFICOS EM UMA TURMA DE ENSINO MÉDIO NO COLÉGIO
ESTADUAL ANITA GARIBALDI.....182
Miguel Angelo Castelo Gomes

A UTILIZAÇÃO DE IMAGENS NA PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO:
UM ESTUDO DE CASO DO SISTEMA DE APOSTILA DE ENSINO
POSITIVO192
Victor Hugo Beñák de Abreu

PRODUTO DIDÁTICO E FILOSOFIA: APROXIMAÇÕES205
Maria de Lourdes Bastos

Produção do conhecimento e de material didático – Textos dos Professores

AUTORIA E AUTONOMIA – OU PAULO FREIRE E OS ALEMÃES	217
Edgar Lyra	
SÍSIFO, TRABALHO IMATERIAL & PANOPTISMO NA ERA DA INFORMAÇÃO	223
Úrsula Maruyama Maurício Castanheira	
PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NOS TIMES VIRTUAIS	238
Antonio José Caulliraux Pithon	
NATUREZA E CULTURA	246
Roberto C. Zarco	
NIETZSCHE: O PENSADOR-ARTISTA.....	254
Ana Zarco Câmara	
MÚSICA, LINGUAGEM E ABISMO	270
Eduardo Gatto	
DENEGRINDO A FILOSOFIA: O PENSAMENTO COMO COREOGRAFIA DE CONCEITOS AFROPERSPECTIVISTAS	284
Renato Noguera	
EDUCAÇÃO E FILOSOFIA	305
Mírian Paura S. Zippin Grinspun Cristina Novikoff Patrícia Maneschy Rosa Maria Ramos	
RACISMO ANTINEGRO: UMA QUESTÃO PARA A FILOSOFIA	315
Rafael Mello Barbosa (CEFET-RJ)	
A PRÁTICA DA ANDRAGOGIA	322
Miram Nobrega Maciel	

PRODUTO DIDÁTICO E FILOSOFIA: APROXIMAÇÕES

Maria de Lourdes Bastos

*Como o burrico mourejando à nora,
A mente humana sempre as mesmas voltas dá...
Tolice alguma nos ocorrerá
Que não tenha dito um sábio grego outrora.
(Mário Quintana)*

INTRODUÇÃO

Buscamos neste texto pensar sobre as possibilidades que a elaboração e a utilização de material didático podem oferecer especialmente para o trabalho com a filosofia. Iniciamos esta reflexão a partir do questionamento sobre o que compreendemos como material didático. Como concebemos um material, qual sua origem e finalidade, e como se relaciona com o fazer pedagógico são algumas considerações que trazem maior clareza sobre o processo de interação que ocorre em uma sala de aula.

Pensamos o papel do professor em sua relação com os estudantes e como a utilização das tecnologias de ensino interage com o espaço da sala de aula. Os pressupostos que sustentam o trabalho com o pensamento e o desenvolvimento das habilidades cognitivas, presentes no ensino de Filosofia, são também princípios norteadores da organização do trabalho didático. Assim, a partir da investigação sobre o que representa a elaboração de produtos educacionais, buscamos vislumbrar as possibilidades e os limites que encontraremos na produção de material didático para o ensino de Filosofia.

A RELAÇÃO ENTRE MATÉRIA E FORMA

Entendemos aqui material como o resultado de uma atividade, ou produto intencional de uma ação que tem como finalidade suprir uma necessidade. Vamos nos deter em cada um desses conceitos, buscando pistas que nos auxiliem a ampliar nossa compreensão sobre as características daquilo que chamamos de material didático.

Enfrentamos a dificuldade de argumentar a partir da teoria aristotélica, que constituiu o alicerce para a construção dos saberes por um longo período da história do pensamento ocidental. O peso de uma tradição amplamente revisitada e discutida nos obriga a ser cautelosos, buscando delimitar nossos passos de uma forma lenta e segura.

A escolha deste caminho será justificada pelo desejo de tomar como base um método seguro, propício para uma investigação que se orienta no sentido de um material específico, cuja intencionalidade está voltada para a produção de conhecimento. Nossa intenção ao tratar o material didático como elemento preponderante no processo de construção do conhecimento é demonstrar que os meios que utilizamos estão em estreita relação com os resultados que procuramos.

Encontramos em algumas obras de Aristóteles (*Metafísica*, livro VI, – I 1026a 20; *Ética a Nicômaco*, Livro VI; *Segundos analíticos*; 71,a-b) uma classificação das ciências de acordo com sua finalidade. As ciências teóricas, que têm por objeto o saber ou a verdade, precedem as ciências práticas e as poéticas. Entre as ciências teóricas, temos ainda uma divisão segundo os objetos de que se ocupam. A ciência das primeiras causas, posteriormente conhecida como *Metafísica*, se ocuparia dos objetos imóveis e buscaria investigá-los tendo em conta a sua existência. A Matemática cumpre cuidar dos objetos também imóveis, porém separados da realidade por abstração. Cabe à Física estudar os objetos que contêm em si a mudança, separando-os da realidade para investigar seus princípios (*Metafísica*; livro VI, – I 1026a 20).

Segundo Lucas Angioni (2009, p.19, estudioso da obra de Aristóteles, seu propósito nos livros da Física era “delimitar as causas e os princípios pelos quais os entes naturais podem ser cientificamente conhecidos”. Os entes da natureza são aqueles que possuem em si mesmo seu princípio de movimento e/ou repouso. As coisas produzidas pela técnica não têm nenhum impulso inato para a mudança, e são os seres humanos que agem para que a matéria esteja de acordo com sua função.

No capítulo sete do primeiro livro da Física, Aristóteles nos diz que tudo o que existe na natureza é sempre composto,⁶⁸ sendo a matéria o subjacente, aquilo que permanece presente quando ocorre uma mudança. Apresentando as teorias de seus predecessores, que buscavam explicar os seres naturais, Aristóteles conclui que estes apresentam dois princípios: a forma e a matéria. Sendo a matéria condição necessária para constituição de um ser natural, no entanto é a forma que determina suas propriedades funcionais. Partindo desse pressuposto e investigando o nexos entre os dois princípios, no segundo livro da Física demonstra que, para conhecer cada coisa, devemos conhecer seus princípios ou suas causas.

Muitas coisas podem ser ditas causas de outras, no entanto é preciso buscar a causa mais extrema de cada coisa, e assim Aristóteles vai delimitar as causas em quatro modos mais evidentes.⁶⁹ Teremos assim como causas o item imanente, aquilo de que alguma

68 ARISTÓTELES. *Física I e II*, 2009 [190^b 1] “[...] tudo que vem a ser, sem exceção, é sempre composto, e que há, de um lado algo que surge e, de outro, algo que vem a ser isso, de dois modos: o subjacente, ou o opost” (p. 36).

69 Idem. [195^a 15]. “Todas as causas aqui mencionadas caem em quatro modos mais evidentes” (p.49).

coisa é feita, que chamamos de causa material, a forma e o modelo, e aquilo que define ou delimita o que a coisa é, a causa formal. Porém temos ainda aquilo de onde provém o começo de mudança ou repouso, o produtor, que denominamos causa eficiente, e ainda a finalidade, aquilo *em vista de que* alguma coisa acontece.

No entender de Aristóteles, embora os elementos materiais sejam responsáveis por certos movimentos do ente natural que constituem, são insuficientes para explicá-los. As propriedades essenciais e efetivas na constituição dos seres vivos são propriedades funcionais, delimitadas pela forma. Fazendo uma analogia entre o conhecimento da natureza e o conhecimento técnico, busca mostrar que a forma governa os movimentos da matéria a partir de sua função e efetividade e introduz a teleologia ao estudo da natureza, dando maior destaque ao *telos*, a causa final.

Tomamos como ponto de partida a teoria das quatro causas de Aristóteles para pensar sobre o material didático, buscando estabelecer relações entre o produto final, que pretendemos que apresente uma função para o ensino de Filosofia, e seu processo de elaboração. Começamos pela constatação de que todo material possui um substrato, ou conteúdo, presente no próprio termo “material”. Em seguida identificamos o método, modelo ou desenho didático que escolhemos para a produção do nosso produto como a forma que a ele imprimimos. Não é custoso observar que esse material possui uma finalidade, uma intenção ou propósito. Para completar a comparação, apresentamos nossa vontade e habilidade como a causa eficiente que põe em prática a execução do produto didático, e assumimos então o papel de produtores.

Assim como Aristóteles, percebemos que os modos das causas são muitos, e ainda podemos pensar nas mídias pelas quais nosso produto trafegue ou nos instrumentos por onde atestará sua eficiência, mas seguindo o exemplo do mestre ao estudar a natureza, nos concentremos em buscar sempre, ou o mais das vezes, a causa mais extrema.⁷⁰

Tendo em mente um produto concreto, criado para intencionalmente produzir efeitos, poderíamos desejar que mantivesse em sua elaboração o equilíbrio entre as quatro causas, para que uma não predominasse sobre a outra. Outra opção seria esperar que a matéria e a forma se autodeterminem, estabelecendo uma a necessidade da outra. No entanto, seguindo o pensamento de Aristóteles, daremos atenção especial para sua finalidade.

Ao elaborar um material didático, estabelecemos objetivos gerais e específicos visando alcançar a aquisição de algum tipo de conhecimento, habilidade ou competência. Para além desses objetivos, somos guiados por uma visão de mundo, uma construção ideológica que sustenta nossa concepção de sujeito, de natureza e de cultura, nosso quadro de mundo. Sobretudo quando nossa finalidade é o ensino da Filosofia, estaremos sempre

70 Idem, *Livro II, capítulo III* [195^b28]. “É preciso sempre buscar a causa mais extrema de cada coisa, [...]”.

atentos para o propósito último que orienta nossas escolhas. E mantendo a postura da escuta, cuidadosamente perceberemos que, quando determinamos o propósito deste produto, não podemos deixar camuflado para quem se destina, o tipo de público que dele fará uso. “Para que” e “para quem” são as perguntas que não podem ser afastadas em um trabalho com o pensamento, que tem como características a procura das causas e a construção de conceitos.

O modelo que elegemos e o método que seguimos estão entrelaçados ao conteúdo que pretendemos trabalhar, mas é preciso ter sempre em mente que esse modelo deverá ser determinado pela função a que se destina, ao propósito que buscamos atingir. Procuramos adaptar o material pedagógico à finalidade que pretendemos, e por isso precisamos definir que concepção de filosofia e de trabalho pedagógico será para nós determinante. Começamos elegendo a formação do espírito crítico como uma das finalidades do trabalho com os estudantes na aula de Filosofia. Para isso é importante não permitir que modelos engessados e excludentes assumam a predominância, esmagando as outras causas e impedindo o espaço para o movimento. Gostaríamos de pensar a forma em nosso produto como possibilidade de ordenação, como molde ou modelo, e não como normas ou regras asfixiantes que entranham como uma cunha marcando de forma definitiva uma placa de argila.

ENTRE O DIDÁTICO E O PEDAGÓGICO

Ao pensar na produção de material para o ensino de Filosofia surge uma primeira dúvida. Que nome deveria ter esse produto: material didático ou material pedagógico? Trata-se apenas de uma mera variação de nomenclatura ou são conceitos diversos que provocam diferença marcante em sua utilização? Embora possa não parecer importante, essa dúvida nos coloca em contato com algumas relações que se estabelecem no caminho do professor.

O professor José Carlos Araújo, em seu texto “O trabalho pedagógico e didático e o protagonismo do professor no Brasil dos anos de 1920”, observa que o trabalho pedagógico representa o vínculo entre a escola e a sociedade a que serve, tendo um contorno mais amplo que o trabalho didático. Este, por sua vez, garante a efetivação da escola pela sala de aula e se entrelaça ao trabalho pedagógico por meio do projeto político-pedagógico. Realizando um levantamento histórico, demonstra como a organização do trabalho pedagógico está relacionada à organização do trabalho em uma determinada época. Caberia ao trabalho pedagógico, por exemplo, reproduzir nas instituições escolares a organização do trabalho no âmbito capitalista a partir do século XVIII. O ideal iluminista que preconiza a divisão do trabalho, já representado por Adam Smith,

pode ser visto a partir do século XIX nas escolas normais (do termo latino *norma*), o modelo ideal para padronizar as outras escolas.

Nesse sentido, reconhecemos que o ato de ensinar estará atrelado quase sempre a uma instituição onde o encontro entre professor e alunos acontece. O professor terá que se adaptar a diretrizes e normas que são parte do projeto político pedagógico da instituição em que atua, e seu fazer pedagógico será determinado pelo grupo ao qual pertence, seja de uma forma democrática ou impositiva. Seu trabalho estará atrelado a justificações e teorias que buscam dar conta dos fenômenos sociais presentes em uma determinada época.

Por outro lado, a organização do trabalho didático será aqui entendida como um arranjo estrutural, uma ação intencional que envolve uma organização, exigindo a presença de alguns elementos estruturantes. Recorremos ainda ao texto de Araújo (2009) que nos traz um levantamento criterioso das categorias básicas encontradas no trabalho didático. Primeiramente implica a existência de um espaço físico e um período de tempo; consiste ainda na mediação dos recursos didáticos (conteúdos, métodos e tecnologias), e enquanto relação educativa envolve vários sujeitos em um determinado contexto histórico.

Uma aula, ponto central do trabalho didático, pode ser considerada uma ação intencional, que possui um “arranjo estrutural” (idem, *ibidem*, p.12), e como forma de comunicação revela-se na perspectiva da intersubjetividade. Atentemos então para o aspecto da interlocução de sujeitos, a aula enquanto uma relação de vários sujeitos em vista do conhecimento. Por meio da aula, a sociabilidade é elaborada, e sua construção gira em torno de uma compreensão de mundo (da natureza e da cultura). Nesse sentido podemos perceber o entrelaçamento entre o fazer pedagógico, que orienta a prática e o trabalho didático, visto como uma totalidade. Como um arranjo que reúne diversos elementos estruturantes, o trabalho didático traz em si toda rotina essencial da escola. Porém é também parte de um todo, na medida em que visa uma preparação para o mundo e que traz para a escola a presença do mundo por meio da interlocução de sujeitos.

Conseguimos perceber então as diversas dimensões presentes no trabalho didático, que alia a preparação prévia, o saber fazer (técnica), ao momento presente da interlocução de sujeitos, e a uma visão de futuro, que envolve o benefício de todos. Isso nos conduz a enfatizar o processo de elaboração no material didático. Em uma educação emancipadora, o questionamento será um critério importante na formação dos principais atores, professores e alunos, e incentivar e avaliar a atitude criativa e questionadora destes será um mecanismo para desenvolver esta habilidade. Ao possibilitar o trânsito entre experiências e vivências e a construção de um saber ordenado racionalmente, o

trabalho didático contribui para o desenvolvimento das habilidades cognitivas, mas, sobretudo, demonstra a possibilidade de novas formações e a necessidade da constante reconstrução de nossas justificativas.

O estudo de teorias pedagógicas diversas é uma ferramenta para o trabalho docente, e a partir dela o professor ganha a amplitude necessária para uma visualização de suas finalidades e objetivos. Esse estudo será aliado à sua experiência, que o ensina a adequar o conteúdo que pretende trabalhar ao público com o qual convive. Esse trabalho, realizado pelo professor, requer constante incentivo e avaliação, pois é a condição da originalidade do trabalho docente. A elaboração e aplicação de um material didático (idem, ibidem), na medida em que exige sistematização e entrelaçamento, é um ponto central do trabalho didático e demonstra a inesgotável fonte criativa que emana do fazer pedagógico.

FILOSOFIA E ENSINO: QUESTÕES

Ensinar ou aprender Filosofia é uma tarefa possível? O que deveria ser um pressuposto termina por se apresentar como pergunta. Reproduzimos ou criamos pensamentos e nos comunicamos, somos afetados e afetamos o mundo que nos cerca, e as trocas acontecem cada vez com maior velocidade. Nesse cenário encontramos a Filosofia, uma modalidade do pensamento seduzida pela dúvida. Buscando as causas, duvidando, fabricando conceitos, praticar filosofia é sentir a atração pelo abismo e, de diversas maneiras, tentar vislumbrar o outro lado do espelho.

São caminhos entremeados de dúvidas e afirmações, o que nos permite aproximações no sentido de aprofundar aquilo que conhecemos e nos provoca afastamentos, para que possamos buscar uma visão do conjunto. Consideramos então que a atração e o cuidado pelo conhecimento do mundo são suficientes para justificar uma proposta de aproximação entre a educação e a filosofia.

Marx (1986) afirmou que os filósofos ocuparam-se apenas de interpretar o mundo, esquecendo o mais importante, que é transformá-lo. Para o materialismo histórico, a produção ideológica não exerce um papel determinante na sociedade. Que efeitos então pode produzir uma aula de Filosofia? Do final do século XIX até os dias de hoje, vem se firmando cada vez mais a interpretação do mundo por meio da linguagem e da cultura. Não afirmamos mais que somente os aspectos materiais determinam a nossa existência. E pouco a pouco a Filosofia encontra seu lugar entre os diversos saberes que nos colocam presentes no mundo.

Temos agora o desafio de difundir a Filosofia para além das disputas acadêmicas. Enfrentamos a necessidade de encontrar uma unidade no eterno movimento presente

nas áreas, correntes, pensadores e escritos filosóficos. A luta inicial foi conseguir que a Filosofia ocupasse seu espaço no currículo do Ensino Médio. Agora enfrentamos a tarefa de permitir o acesso do aluno de Ensino Médio ao exercício do pensamento filosófico.

Segundo Deleuze (1992, p.11), “criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia”. Criar conceitos é dar uma forma, ainda que não limitada ou definida, mas que abarca um conjunto de elementos. O conceito não se cria a partir do nada, ele está presente em um plano de imanência e precisa de um filósofo que o apresente. Muito árduo com certeza será esse caminho, mas pistas nos são oferecidas pela história da Filosofia: é necessário possibilitar o trânsito entre saber e experiência.

O ensino de Filosofia exercerá forte influência nas habilidades discursivas, pois ao estimular a elaboração conceitual, exige o estabelecimento de pressupostos, a compreensão das regras de articulação, a observação dos subentendidos e a ênfase na enunciação (Rocha, 2008). Por outro lado, o trabalho com a argumentação, que tem início com o desconforto inicial, levando à desnaturalização e a conseqüente problematização, propicia o desenvolvimento das habilidades cognitivas, criando as condições para uma análise mais rigorosa, um olhar mais investigativo e uma curiosidade mais aprofundada.

Os conceitos da Filosofia são traçados a partir da instauração de um plano de imanência, nos diz Deleuze (1992, p.53); “[...] O problema da filosofia é de adquirir uma consistência sem perder o infinito no qual o pensamento mergulha [...]”. No universo da sala de aula recolhemos relatos de experiências, elegemos determinadas referências e fabricamos sentidos. Construindo problemas, estabelecemos pressupostos, elaboramos conceitos e abrimos a possibilidade para a identificação de funções gerais de enunciação. Analisando e confrontando argumentos, alcançamos a reconstrução dos discursos e despertamos a capacidade de emitir juízos fundamentados.

Para João Boavida (1996, p.97), “a relação filosofia/pedagogia é não só incontornável, mas também duplamente constituinte”. A Pedagogia, enquanto pressupõe uma visão de homem e de sociedade e advoga um conjunto de valores, possui uma dimensão filosófica. Por outro lado, a Filosofia, com seu caráter dialógico e analítico, utilizará os mesmos processos dos modelos pedagógicos mais comuns, preocupada em analisar, relacionar, deduzir e integrar. Na ordem da fundamentação, a Filosofia antecede a Pedagogia, no entanto nasce de uma base pedagógica que lhe é anterior, pois o filósofo aprendeu a filosofar e estudou os filósofos que hoje o influenciam. Na ordem prática, a educação é estruturada socioculturalmente, de acordo com cada época, cada povo, cada grupo social. A tarefa da Filosofia é descobrir os enquadramentos dessas práticas educativas, seja para fundamentá-los ou para reformulá-los.

Nessa relação entre filosofia e educação podemos ver a profundidade do entrelaçamento entre a teoria e a prática. É ainda João Boavida (idem, p.99) quem defende a necessidade de uma didática específica para o ensino de filosofia, uma vez que “o modo de ensinar e aprender filosofia tem influência sobre a própria filosofia”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não criamos a partir do nada, é a partir do encontro de muitas vozes que nosso pensamento toma forma. Oferecemos modelos que têm como finalidade despertar o desejo de novas criações. A capacidade criadora do discurso foi objeto de intensa preocupação do povo grego, e Aristóteles soube como ninguém colocar em evidência a função do *logos* na relação entre o homem e a natureza. Ao voltarmos o olhar para as bases do pensamento ocidental, já encontramos os princípios ou causas que devem guiar nossa produção: o efeito que desejamos e o público para o qual nos dirigimos.

Se pensarmos na produção de material didático a partir de sua finalidade, ao elegermos o que ensinamos, teremos nosso olhar voltado ao seu propósito e objetivo. Tendo como proposta a construção de conceitos, a origem desse processo parte de uma atenciosa escuta para perceber a diversidade de oportunidades e situações da educação escolar. Os processos culturais presentes no espaço escolar, mais do que meros acréscimos, deverão constituir matéria necessária para a elaboração e aplicação de nosso produto. Ainda que não desejemos a rigidez de metas pré-estabelecidas, devemos nos preocupar com a orientação de nossos objetivos e a forma como se relacionam. Dependendo das decisões que tomamos a respeito do que pretendemos com o ensino de Filosofia, teremos estratégias e metodologias distintas a adotar.

Acima de tudo, faz-se necessário que o professor tenha direito a optar. Terá o poder de escolher se deseja introduzir a história da Filosofia, apresentando o esforço do pensamento que ao longo do tempo se abre para novas conquistas. Terá, ainda, outras opções, como a perspectiva temática ou trabalhar a partir de problemas, mas é importante que o texto filosófico se faça presente, pois nele encontramos os elementos que nos ajudam a mergulhar na aventura do pensamento.

Os problemas filosóficos apresentados aos alunos devem proporcionar efeitos, que servirão de guia para o surgimento de novos conceitos e o desenvolvimento de um discurso consistente e bem construído. Quanto maior for nossa possibilidade e capacidade de perceber para que e a quem ensinamos, maiores serão as chances de favorecer aos vetores e trajetórias que ajudamos a construir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, J. C. S. *O trabalho pedagógico e didático e o protagonismo do professor no Brasil dos anos de 1920*. UnB/UFU, 2009.

ARISTÓTELES. *Metafísica* – ensaio introdutório de Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. *Física I e II*. Prefácio, introdução, tradução e comentários de Lucas Angioni. Campinas: Editora Unicamp, 2009..

BOAVIDA, J. Por uma didáctica para a filosofia. *Revista Filosófica de Coimbra*, n.9, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

MARX, K. *Teses sobre Feuerbach* – em anexo à “A Ideologia Alemã”. 68.ed. São Paulo: Hucitec, 1986, p.128.

ROCHA, R. P. *Ensino de Filosofia e currículo*. Petrópolis: Vozes, 2008.